



ENTREVISTA

**OS PEQUENOS PASSOS DE  
UMA LONGA JORNADA:  
UMA ENTREVISTA COM  
NARA SALETTO**

*Bruno César Nascimento*

*Doutorando em História pela Universidade Federal do Espírito Santo*

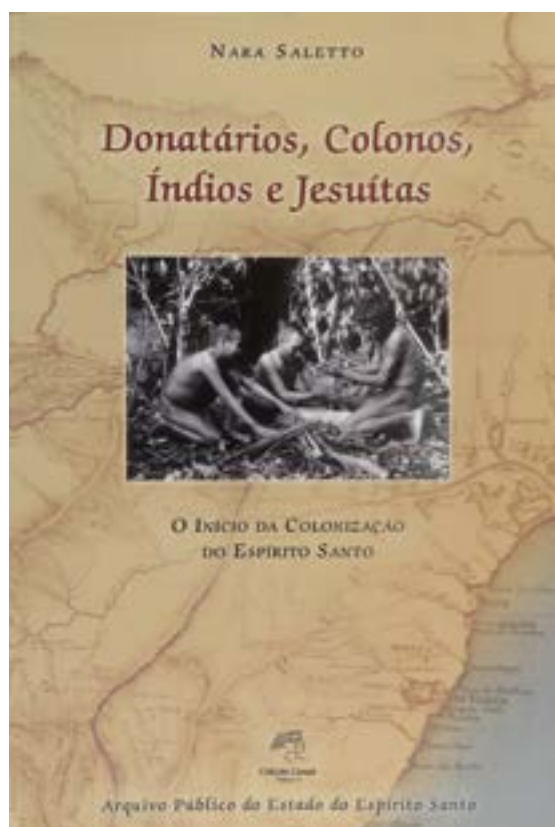
*Bruna Breda Bigossi*

*Mestranda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo*



No dia 11 de abril de 2016 fomos recebidos num simpático prédio no coração da Praia do Canto por Nara Saletto, formada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) - quando

esta ainda era Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Espírito Santo (FFCL), no Centro de Vitória – e ex-professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), historiadora que contribuiu para a historiografia capixaba tanto nos assuntos da colonização do território quanto da Primeira República. Por algumas horas conversamos sobre sua trajetória como testemunha dos primeiros anos do curso de História e de sua carreira como docente, já no período da Ditadura Civil-Militar. Temos o prazer de no primeiro número da Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo divulgar para os capixabas um pouco desse bate-papo.



**Bruna Breda Bigossi:** Professora, sabemos que a senhora foi aluna da segunda turma de História, em 1954, quando o curso ainda nem era no campus de Goiabeiras. Conte-nos como ocorreu seu interesse pela História.

**Nara Saletto:** Minha escolha veio de minhas leituras na adolescência, talvez até pré-adolescência, porque foi uma fase em que li muito, eu vivia enterrada nos livros. Comecei a ler em uns folhetins que a amiga da minha mãe me emprestou e que tratavam de história, porém eles se colocavam em épocas e lugares diferentes passados. Eu me lembro de um deles que se chamava *O Pátio dos milagres*, o texto se passava na Paris de Francisco I. Havia outro que se passava na Veneza dos *doges* e por aí vai... Aquilo me deu um interesse enorme em conhecer as sociedades

de outras épocas. Eu li Alexandre Dumas, depois Revolução Francesa, depois as biografias de Stefan Zweig, Maria Antonieta... Enfim, através de folhetins, literatura e biografias eu fui me encaminhando para a História. Na hora de escolher o que estudar, para mim era natural, meu interesse estava nisso, em conhecer outros momentos e outras civilizações.

**BB: E quando entrou na Universidade? Lembra-se, por exemplo, dos professores e das disciplinas?**

**NS:** Eram professores que não tinham formação em História. Um parêntese, Renato Pacheco estava estudando fora, não foi meu professor na faculdade, mas sim no que na época era o cien-

“Na hora de escolher o que estudar, para mim era natural, meu interesse estava nisso, em conhecer outros momentos e outras civilizações.”

tífico e hoje é Ensino Médio. Os outros eram advogados, pessoas que tinham interesse. Um que posso classificar como historiador é Nelson Abel de Almeida, por causa das pesquisas, mas não tinha uma formação específica de metodologia histórica, teórica... Mas nós tivemos um professor maravilhoso, esse realmente foi o professor que preencheu meu curso, Duglas Teixeira Monteiro. Era recém-formado na USP, talvez tivesse mestrado, e ele até morreu precocemente. Ele iniciou um trabalho importante aqui, deu dois anos de Antropologia, e era muito bom, abriu o meu horizonte... Vitória era muito provinciana e esse rapaz jovem, com outra mentalidade, foi da maior importância. Pra você ter uma ideia, ele começou o curso tratando do racismo, isso nos anos cinquenta! De combate ao racismo, na época havia uma campanha da Unesco e nós usamos para discussão na sala de aula um livro do Lévi-Strauss. Estudamos civilizações africanas trabalhando conceito de cultura e depois viemos para o Brasil. Duglas para mim foi excelente. Se tivesse Ciências Sociais naquela época, eu teria mudado de curso. Eu não me arrependi, porque na verdade eu preferia a História, mas devido ao entusiasmo, eu muda-

ria. Mas o curso, no resto, era precário. Como eu sempre fui ligada ao Rio porque eu vim de lá, eu ficava muito lá. Procurava bibliografia nas livrarias do Rio, principalmente na que vendia livros em francês, a Leonardo da Vinci, e assim fui lendo por minha própria conta...Tinha doutor Nelson, que tinha um conhecimento de História do Brasil, e os outros. Quem substituiu o Renato, por exemplo, era um professor de Biologia. Ele parecia ser muito bom na área dele, mas na História ele era um curioso.

**BB: Como a senhora se tornou professora na universidade?**

**NS:** O Renato [Pacheco] me convidou para ser assistente a partir do conhecimento que ele tinha de mim no Ensino Médio. Ele me deu uma parte da bibliografia que tinha de História Antiga, eu não queria me fixar em História Antiga... Mas naquele tempo não tinha como escapar. Quando pude escolher, eu larguei e fui para Medieval. Renato ia como juiz para a comarca dele no interior e eu ficava dando as aulas. Baseado no que ele me deu... Acho que ele já estava decidido a não voltar mais, porque ele não me emprestou, ele me deu... Com o que eu tinha, e o meu contato com os *Annales*, principalmente o Marc Bloch, comecei a comprar e trazer pra cá. Essas pessoas trabalhavam com História Medieval, e não Antiga... História Antiga é um campo vastíssimo, mas com campos limitados, como o Oriente... Muito mais naquela época... Então eu achava mais interessante Medieval. Em todo o mundo as pesquisas eram muito menos desenvolvidas e Medieval sobressaía com muito mais destaque e pesquisa. A Idade Média Francesa com o pessoal dos *Annales*...

*“Quando eu saí da França, que estive em 66 e 67, saí meses antes da rebelião estudantil. Imagina, eu tinha voltado para o Brasil meses antes de maio de 68.”*

**BB:** Lendo algumas entrevistas do livro *A História como ofício*, da professora Marieta de Moraes Ferreira (UFRJ), sobretudo a sua, observamos a ocorrência de um nome, Guy de Hollanda, que deu aulas na Ufes. Como foi a passagem dele aqui no estado?

**NS:** Ele veio pra cá por necessidade de um professor de Metodologia da História, nós não tínhamos porque era tudo improvisado. Guy de Hollanda vinha do Rio pra cá toda semana, no finalzinho da semana eu acho e ele dava aula lá e aqui. Eu tive bastante contato com ele porque aqui ele era muito sozinho. Aconteceu uma coisa lamentável no início da ditadura... Lá na UFRJ Eremildo Vianna denunciou o Guy de Hollanda para a repressão e ele sequer era um homem de esquerda, era no máximo um progressista. Não tinha nada com o Partido Comunista, nada, todo mundo sabia. Lá na UFRJ ele era assistente de Eulália Lobo, minha professora no mestrado, que foi muito ativa na discussão da Reforma Universitária... Tive muito contato com ela, ela também foi cassada e não era uma pessoa de esquerda. A repressão foi absurda. Então aqui, nós professores tínhamos que fazer alguma coisa, tentamos

um abaixo-assinado a favor do Guy de Hollanda, ele não tinha nenhuma atitude subversiva e era importante pra nós...

**BB:** E como se deu a sua saída do Espírito Santo para dar aulas na UFRJ?

**NS:** Antes de sair para o Rio, eu fui estudar na França por meio de uma bolsa de estudos do governo francês... O governo brasileiro não dava essas bolsas. Não foi muito fácil de adaptar minha formação aqui com o ensino de lá, mas foi uma coisa ótima. Eu estudei muito e vim pra cá com uma outra bagagem a respeito de História Medieval. A isso se juntaram situações da minha vida privada. Como eu era do Rio e eu queria na verdade uma cidade grande, o Rio me atraía. Vitória era muito acanhada. Quando eu fui pra lá em 69, o mundo estava pegando fogo. Quando eu saí da França, que estive em 66 e 67, saí meses antes da rebelião estudantil. Imagina, eu tinha voltado para o Brasil meses antes de maio de 68. Havia uma certa ebulição que chegou aqui, mas com atraso. E eu comecei outra vez, do zero. Fiquei um tempo trabalhando aqui e lá no Rio, e comecei na UFRJ como auxiliar de ensino, que não tinha concurso, só um examezinho, mas também não tinha nem segurança, você poderia ser demitido a qualquer hora.

**BB:** Nós temos um documento aqui da Primeira Reunião Espírito-Santense dos professores de História, em 1957. A senhora se lembra desse evento?

**NS:** Vieram alguns professores da USP, eu me lembro muito vagamente da vinda desses professores, e foi uma coisa ótima. Eu acho que o Eurípedes [Simões de Paula] esteve, ainda da época

dos catedráticos, ele era catedrático de História Antiga e Medieval da USP.

**BB:** A senhora participou como secretária deste evento...

**NS:** Sim, eu fui... Vocês não tem documentação disso não?

**BB:** Infelizmente ainda não achamos tudo, mas queremos procurar. Temos o nome de algumas palestras...

**Bruno César Nascimento:** Tivemos duas divulgações deste evento. Uma foi em um jornal e a outra na Revista de História da USP, que era um dos principais periódicos... Agora, falando um pouco mais da carreira da senhora, queremos saber sobre dois eventos importantes que tivemos do curso de História no Brasil. O primeiro foi a criação da ANPUH, em 1961, no Congresso de Marília...

**NS:** Eu fui. Eu me lembro... A gente tinha ideia de que era um fato importante, mas, como foi e quem apresentou o quê, eu não me lembro.

**BN:** A senhora foi como professora?

**NS:** Sim, eu já era professora.

**BN:** Depois aconteceu outro congresso importante, o Eurípedes estava presente, [José] Roberto do Amaral Lapa também... Foi o Primeiro Simpósio Brasileiro de Estudos Históricos, onde discutiram os problemas da universidade, os afastamentos compulsórios... Na Universidade de Brasília.

**NS:** A gente passou anos discutindo os afastamentos, mas nesse congresso eu não fui.

**BN:** Em 69 quando a senhora chegou ao Rio, ainda tinha esses rebuliços referentes aos afastamentos compulsórios?

**NS:** Tinha, tinha... Foi no final de 69 e começo de 70. Eu entrei nesse vácuo, porque tinha saído muito gente. O recrutamento era como auxiliar de ensino. Fui recomendada porque tinha vindo da França e eu estava preparada para a necessidade que havia no departamento.

**BN:** No Rio a senhora viu afastamento de alunos? A repressão era forte ainda?

**NS:** Era muito difícil, muito difícil. Havia um controle muito grande. Quando eu descia para lá onde é o IFCS... Vocês conhecem?

**BB:** Perto do Saara?

**NS:** Isso, é do lado. Era um edifício maravilhoso, ligado a alguma atividade militar do século XVIII, mas que depois foi reformado. É uma beleza de prédio. Desculpa, fiz um parêntese para falar do

*“Quando eu me aposentei no Rio e vim para cá foi porque eu sempre tive a ideia de passar a minha velhice em Vitória e aquela agitação não me interessava mais. A minha intenção era trabalhar em pesquisa...”*

## NOTICIÁRIO

### I REUNIÃO ESPÍRITO-SANTENSE DE PROFESSORES DE HISTÓRIA.

Sob os auspícios da Comissão Espírito-Santense de História, realizou-se em Vitória de 27 a 30 de julho de 1957, a Primeira Reunião Espírito-Santense de Professores de História, reunindo, como membros efetivos, os bacharéis e licenciados em Geografia e História, os professores registrados ou autorizados a lecionar pelo MEC, em História Geral ou do Brasil, ou disciplina afim, e os sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ou dos Institutos Históricos e Geográficos estaduais. Como membros colaboradores, tiveram assento à reunião os alunos dos cursos de História das Faculdades de Filosofia.

A Comissão Organizadora da Reunião assim foi constituída: Presidente, Prof. Nelson Abel de Almeida; Secretário, Prof. Renato José Costa Pacheco; Secretários-adjuntos, Profs. Luís Guilherme Santos Neves, Manuel Ceciliano Sales de Almeida e Nara Saletto da Costa.

Para a apresentação das teses e comunicações, a Comissão Organizadora recomendou o seguinte temário: a) Didática da História; b) Teoria da História; c) A História e as Ciências Sociais; d) História do Espírito Santo.

**Participantes:** Inscreveram-se como membros efetivos ou colaboradores da Reunião os seguintes Professores: Antônio Rubbo Müller, Nelson Abel de Almeida, Renato José Costa Pacheco, Luís Guilherme Santos Neves, Nara Saletto da Costa da Silva Santos, Maria Helena Duarte Faria, Carlos Aurich, Marfisa Gianordoli Giestas, Norma Rios, Ithamar Gianordoli Giestas, Heribaldo Lopes Balestrero, Capitão Bento Pedreira da Costa, Manuel Ceciliano Sales de Almeida, Mintaha Alcure Campos, Carmen Cinira Guimarães, Alberto Stange Júnior, José Luis Moreira Caciari, Cephias Siqueira, Wan Dick Nogueira da Costa, Maria Filina Sá Miranda, Guilherme Santos Neves, Desembargador Eurípedes Queiroz do Vale, Dr. Ayres Xavier da Penha, Dr. José Morcef, Joaquim Gonzaga, Leandro Nader e Angela Ferrari.

**Sessões realizadas:** Dia 27, pela manhã, foi realizada a sessão preparatória de eleição da Mesa Diretora, que ficou assim constituída: Presidentes de Honra: Dr. Emilio Roberto Zanotti, Secretário da Educação e Cultura do Estado, Desembargador Eurípedes Queiroz do Vale, Presidente da Associação de Juristas e da Academia de Letras do Espírito Santo, Prof. Ceciliano Abel de Almeida, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado, Prof. Antônio Rubbo Müller, catedrático de Antropologia Social da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e Prof. José Leão Nunes, Diretor da Faculdade de Filosofia do Espírito Santo. Presidente: Prof. Nelson Abel de Almeida. Relator Geral: Prof. Renato José Costa Pacheco. Secretário Geral: Prof. Luís Guilherme Santos Neves. Secretários: Professores Marfisa Gianordoli Giestas e Carlos Henrique Aurich.

O dia 28 foi dedicado a visitas aos monumentos históricos de Vitória e seus arredores, notadamente ao Convento de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha.

prédio. Mas, quando a gente chegava numa escada, uma linda escada, que tinha um elevador... A gente vinha de uma grande caminhada pelas ruas... Era eu descer do elevador que tinha um encarregado de andar atrás de mim. Ele só não entrava na minha sala de aula, mas em compensação, entrava uma moça para recolher garrafas e ouvir o que a gente estava falando. Além do mais, eu dava aula de História Medieval no Ocidente e Eremildo de Medieval no Oriente. A minha nota era somada com a dele para aprovar ou reprovar aluno e ele perseguia os alunos que tinham uma tendência de esquerda... Eu dava nota boa e ele ruim. O que me salvou dele é que fui indicada por amigos da minha família que eram militares... Mas eu não era comunista também, eu era progressista, democrata e contra a repressão da ditadura, claro. Ele tinha receio de me atingir porque pensava que eu tinha alguma proteção dos militares, mas mesmo assim me transferiu para a área de História do Brasil, nunca tinha dado História do Brasil... Aí mudou a carreira e ele marcou um concurso. E, para efetivar, a gente tinha que fazer a prova... Dava pra fazer na área que a gente dava aula, mas me obrigou a fazer o concurso de Brasil. Claro que, como brasileira, eu tinha leitura em História do Brasil, mas eu não dava aula. Se eu resisti na UFRJ por muito tempo, foi por causa dos meus alunos.

**BB:** Algum aluno da senhora se destacou?

**NS:** Eu tive um aluno que foi o melhor aluno que eu tive na vida, Francisco Carlos Teixeira [da Silva]. Foi meu aluno em História Medieval e ficamos muito amigos. A gente tinha um grupo de estudos de Gramsci, participava outra professora do meu departamento, Philomena Gebran e o

Chico Carlos participava também. Quem participava desse grupo também era aquele correspondente da Globo, Jorge Pontual. Mas o Chico tem um trabalho sensacional, ele é criativo, se lança a pegar materiais que não são os mais usuais e trabalha isso com muita inteligência. Foi um grande aluno que eu tive.

**BB:** Voltando para o ES, como foi a entrada da senhora no Programa de Pós-Graduação em História na Ufes?

**NS:** Quando eu me aposentei no Rio e vim para cá foi porque eu sempre tive a ideia de passar a minha velhice em Vitória e aquela agitação não me interessava mais. A minha intenção era trabalhar em pesquisa, eu pensei em vir e trabalhar com pesquisa... Tentei chamar umas ex-alunas para pesquisarem, mas ninguém quis. Foi quando eu trabalhei com biografias, o *Donatários, Índios e Jesuítas* é dessa época e assim fui me envolvendo. Como no doutorado eu me aprofundi no estudo sobre a estrutura fundiária do Espírito Santo na Primeira República, passei a sentir falta de uma história política, porque o assunto terra no Brasil é reflexo de uma política. O assunto da terra também me interessou porque o Espírito Santo havia mudado muito, até tinha movimento de sem-terra... E então, em meio a isso, apareceram alguns ex-alunos do IFCS, o Gilvan, outros...

**BB:** O professor Antônio Gil estudou na UFRJ também...

**NS:** Ele mesmo, o Tom... Tinha outro que foi meu aluno no IFCS também, mas que saiu... Não me lembro do nome. Eles estavam montando um projeto de pós-graduação e precisavam de doutores, então me chamaram para participar das

*"Eu sempre gostei de ser professora. O que eu levo de bom foi a convivência com os meus alunos, os que eu pude ter um pouco de influência para se tornarem pessoas melhores ou cidadãos..."*

reuniões para criar o mestrado. E hoje está bem forte, né? Foi se formando gente aqui, foram estudar fora e começaram a modificar o curso de História. Hoje em dia é outra coisa, mas isso foi um longo processo. Teve uma fase dos primeiros professores formados precariamente e uma nova geração de gente que se formou aqui com uma formação melhor que se juntou com quem veio de fora. Mas eu trabalhei lá com um enorme prazer orientando alunos, porque eu adorava orientar. Era uma coisa perfeita e ótima, e que hoje, infelizmente eu não consigo mais.

**BN:** Hoje em dia a senhora tem algum contato com o meio acadêmico?

**NS:** Falando a verdade, eu sempre fui muito informal, nunca fui muito subordinada às regras desse mundo acadêmico, minha época é outra. Eu fiz mestrado e doutorado porque eu gostava mesmo. E ao longo do tempo foi ficando mais rígido.

**BB:** Professora, foi um prazer conversarmos sobre a sua trajetória.

**BN:** E conhecer um pouco das mudanças da Universidade, pelo menos no Rio de Janeiro e Espírito Santo, no que diz respeito ao curso de História. Para encerrar, poderia fazer um balanço da sua carreira?

**NS:** Eu sempre gostei de ser professora. O que eu levo de bom foi a convivência com os meus alunos, os que eu pude ter um pouco de influência para se tornarem pessoas melhores ou cidadãos... É muito bom contribuir porque o aluno chega fraco, por exemplo no mestrado, e você o ajuda a crescer e chegar em outro patamar. Esse lado foi extremamente gratificante. E o que eu gostava era isso, orientar alunos.

